

Práticas de escolarização
católica e seus usos na vida
de Elfrida Lobo (Paranaguá,
décadas de 1910 a 1960)

Catholic schooling practices
and their uses in the life of
Elfrida Lobo (Paranaguá,
decades from 1910 to 1960)

Prácticas escolares católicas
y sus usos en la vida de
Elfrida Lobo (Paranaguá,
décadas de 1910 a 1960)

Andréa Bezerra Cordeiro¹
Juarez José Tuchinski dos Anjos²



Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as práticas de escolarização católica e seus usos na vida de Elfrida Lobo, entre fins da década de 1910 até meados da década de 1960, tomando por fonte o egodocumento *Retalhos de Uma Vida*. Na primeira parte são investigadas as práticas de escolarização vivenciadas por Elfrida Lobo e propiciadas a ela pelo Colégio São José, bricoladas com práticas de espiritualidade católicas, mas igualmente transformadas em práticas educativas no cotidiano da educação destinada à Elfrida e suas colegas pelas Irmãs de Chambery. Na segunda parte são estudados os usos que faz Elfrida, em sua vida adulta, desse repertório de saberes frente aos fatos que condicionam sua vida na maturidade: as dificuldades financeiras, a viuvez, os filhos pequenos, a fé cristã, os desejos de independência e uma grande inclinação pelo estudo de línguas estrangeiras. As conclusões apontam que o ensino recebido no Colégio São José funcionou de muitas formas, ainda que as suas finalidades tenham sido extrapoladas para a expansão intelectual e independência financeira e social de Elfrida Lobo através de sua capacitação e desempenho profissional. Da educação recebida no Colégio católico e ampliada ao longo da vida, ela fez seu próprio uso. **Palavras-chave:** história da educação; história da infância; educação feminina; egodocumentos; educação católica.

Abstract: This article aims to analyze catholic schooling practices and their uses in the life of Elfrida Lobo, between the end of the 1910s and the mid-1960s, using the ego document *Retalhos de Uma Vida* as a source. In the first part, the schooling practices experienced by Elfrida Lobo and provided to her by Colégio São José are investigated, bricolated with practices of catholic spirituality, but also transformed into educational practices in the daily education destined for Elfrida and her colleagues by the Sisters of Chambery. In the second part, the uses that Elfrida makes, in her adult life, of this repertoire of knowledge in the face of the facts that condition her life to maturity are studied:



financial difficulties, widowhood, small children, the Christian faith, the desire for independence and a great inclination for the study of foreign languages. The conclusions point out that the teaching received at Colégio São José worked in many ways, although its purposes have been extrapolated to the intellectual expansion and financial and social independence of Elfrida Lobo through her training and professional performance. From the education received at the Catholic College and extended throughout her life, she made her own use. **Keywords:** history of education; childhood history; female education; egodocuments; catholic education.



Introdução

Uma das características do processo de romanização no Brasil foi o investimento, através de congregações religiosas europeias acolhidas nas diversas dioceses, na educação das novas gerações, especialmente, do sexo feminino (Manoel, 1996). Introduzindo no país colégios católicos, o episcopado ultramontano fez deles espaços privilegiados de difusão de um novo modelo de catolicismo, menos laico e mais clerical e alinhado às diretrizes da Igreja Católica Romana face à modernidade. Mas não só de incenso e preces se fez a educação ministrada nesses estabelecimentos de ensino.

Enquanto esse processo histórico se delineava naquele ritmo temporal a que Braudel (2007) batizaria de conjuntura, em outro nível, no tempo dos acontecimentos – “o tempo curto, à medida dos indivíduos, da vida cotidiana, de nossas ilusões, de nossas rápidas tomadas de consciência” (Braudel, 2007, p. 45) – uma jovem moradora da cidade de Paranaguá, no litoral do Paraná, Elfrida Marcondes Lobo, nascida a 31 de janeiro de 1911 (Lobo, 1990) era matriculada e levada a frequentar o Colégio São José, do qual seria aluna de 1918 até 1928. A instituição funcionava sob os cuidados das irmãs da Congregação de S. José de Chambery³, trazida à Diocese de Curitiba em 1896, quatro anos após a instalação daquela circunscrição eclesiástica, a convite do primeiro bispo local, D. José de Camargo Barros⁴, a quem coube, num ambiente de crescente anticlericalismo, iniciar – fazendo uso do clero e do laicato católico, em meio a ampla gama de estratégias de “combate” – uma “batalha” da qual, na década de 1920, segundo Tatiana Dantas Marchette (1996) – a clericalização da sociedade paranaense sairia vencedora⁵.

Disso, a trajetória de Elfrida Lobo, cuja infância e juventude transcorreram imersas nas experiências de sua frequência escolar católica, no mesmo período de auge do embate pela romanização do Paraná, é sólida evidência. Isso se pode afirmar porque, de suas vivências no Colégio São José de Paranaguá, estamos relativamente bem-informados e com certa riqueza de detalhes, graças a uma autobiografia que, redigida entre 1983, quanto contava com 72 anos, até 1990, ano em que a publicou sob o título “Retalhos de Uma Vida”⁶. Trata-se de daquele tipo de fonte a que Antonio Viñao denomina de *egodocumentos*, “textos nos quais o sujeito fala ou se refere a si mesmo, nos quais o eu encontra refúgio e se converte em elemento de referência” (Viñao, 2000, p. 11, tradução livre).

De fato, na obra, organizada em 11 capítulos, à exceção do último (dedicado à figura do seu sogro, que, após a morte do seu único filho e esposo de Elfrida,



tornou-se apoio fundamental para a criação dos netos, na década de 1940), a egoautora narra sua história e a história das suas relações e interações sociais, fazendo de sua vida a referência e argumento da narrativa, periodizando-a em títulos sempre iniciados com o substantivo “anos” e completados com adjetivos como “de encantamento”, “de enlevo”, “de esperança”, “de angústia”, “de amargura”, de “ternura”, “de realização”.⁷ São, por sinal, dos anos de “encantamento” as reminiscências sobre a escolarização católica recebida por ela na infância e juventude. Escolarização que de muitas formas ampliou as condições de Elfrida diante de alguns sérios percalços vividos nos “anos de angústia” da vida adulta, pois através de sua rede de relações na sociedade e de seu sólido repertório intelectual, Elfrida, como se verá, abriu seu próprio caminho.

O testemunho das histórias vividas e narradas por mulheres, quando convertido em uma fonte histórica, exige delicado exame. Ter acesso a escritas de mulheres - tanto as que foram preservadas e nos chegam anos depois, como as escritas autobiográficas realizadas de maneira retrospectiva - desperta uma certa reverência ao ato da pesquisa, pois os diários, cartas, autobiografias nos chamam a pensar as práticas da escrita e da leitura para o sexo feminino, considerando ainda que serão atravessadas pelo seu tempo histórico, pela condição social, pela raça, nos chegando do passado de maneiras distintas. Se às meninas pobres nenhuma ou rasa formação para ler e escrever eram mais do que o bastante, nas classes abastadas as mulheres teriam na leitura e escrita mais uma ferramenta para, com modéstia e elegância, se apresentarem bem nos ambientes sociais. Apesar disso, algumas mulheres em todas as classes, talvez até mais do que imaginamos, liam e escreviam bem, não apenas com proficiência, mas com técnica, astúcia e arte, como nos mostra o não tão volumoso, mas consistente legado escrito de egodocumentos femininos que, por amor ou por força, foi preservado. As escritas autobiográficas, as notas e memórias do cotidiano de mulheres também nos legam o que pensar, e estes registros, tanto mais esparsos quanto ricos, podem nos auxiliar a compreender por outros prismas a vida cultural, as condições de trabalho, as relações das pessoas em um tempo histórico.

As memórias de Elfrida, que nos chegam através de seu livro, evocam alguns tensionamentos que já foram levantados em análises de obras como “Minha Vida de Menina”, o diário de infância de Helena Morley (2016). Tratam-se, sim, de gêneros diferentes: o livro de Morley é um diário alegadamente escrito em sua infância e adolescência e publicado por ela quando adulta; o livro de



Elfrida Lobo foi escrito numa narrativa retrospectiva em seus últimos anos de vida, sujeito à reorganização realizada na “ilha de edição” que é a memória, parafraseando Waly Salomão (2007). Dadas as diferenças, entendemos as duas obras como gêneros “vizinhos” que trazem em comum a presença da “relação de identidade entre o *autor*, o *narrador* e *personagem*” (Lejeune, 2014, p. 17, grifo nosso). Esta identidade é um vetor precioso de representações que, nas palavras de Chartier “constituem na sua diferença radical as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo e de um espaço” (Chartier, 1990, p. 27).

Neste espaço narrativo do íntimo, da exposição da personalidade e dos costumes, nos confrontamos com as escolhas entre o registrado e o inenarrável na vida de uma mulher que escreve e publica sua vida. Entre o que ela e seu tempo desejam compartilhar e a mais-vida que aconteceu e não foi escrita, há uma grande brecha, o que não retira a legitimidade de tais fontes.

Por vezes nem mesmo a autodisciplina da modéstia, esperadas de meninas e mulheres do final do Século XIX e das primeiras décadas do Século XX, encobrirá em suas escritas as pequenas ousadias e habilidosas apropriações que elas fizeram das experiências educativas amplas que viveram, não apenas na escola, família e igreja, mas integralmente em suas vidas. Com cautela metodológica a historiografia encontra nestes escritos a escassa fonte direta em que mulheres se registram e se descrevem, sem a “mediação perpétua e indiscreta” de homens, o que “constitui um tremendo meio de ocultamento” (Perrot, 2021, p. 198).

“Retalhos de uma vida” é, sobretudo, um egodocumento perpassado pela espiritualidade católica de matriz ultramontana, do começo ao fim, sem, contudo, beirar a pieguice ou beatice. Pelo contrário, indica o quanto a educação católica recebida por Elfrida menina/jovem/adulta foi configurando o repertório cultural que carregou consigo pela vida toda, a partir do qual aprendeu a viver e conviver com as alegrias e tristezas de sua trajetória, funcionando como espécie de norte a conferir sentido e significado ao seu presente bem como a memória acerca do que já havia passado.

Diante do que se dissemos até aqui, este artigo tem por objetivo analisar as práticas de escolarização católica e seus usos na vida de Elfrida Lobo, entre fins da década de 1910 até meados da década de 1960, tomando por fonte seu egodocumento. Trabalharemos com a hipótese de que, do registro egodocumental, apesar das limitações que a memória enquanto fenômeno de lembranças e esquecimentos pode acarretar (Burke, 2000), emergem, para o



presente da pesquisa histórica, fragmentos de uma escolarização que mesclava práticas tanto católicas como pedagogicamente modernas para aquele contexto, cujo resultado foi uma escolarização – aqui entendida enquanto “ato ou efeito de tornar escolar, ou seja, o processo de submetimento de pessoas, conhecimentos, sensibilidades e valores aos imperativos escolares” (Faria Filho, 2007, p. 195) – que produziu, em Elfrida, o modelo de mulher católica instruída, almejado pela Igreja e pela sociedade católica para aquele contexto histórico de embates entre anticlericais e ultramontanos no Paraná. Não obstante ter Elfrida se tornado esta mulher exemplar dentro de parâmetros da moral religiosa católica, sua formação lhe proporcionou também um repertório de saberes modernos, sobretudo no campo das línguas estrangeiras, que foram criativamente mobilizados em momento de necessidade (e de vontade) levando essa mulher de família bem colocada socialmente, religiosa, mãe e viúva, à busca pela continuidade e aperfeiçoamento de seus estudos, em direção à profissionalização, num caminho um tanto dissonante do que em geral se projetava para as mulheres em sua condição naquele momento histórico.

Para governo do leitor, a narrativa até aqui introduzida desdobra-se em três partes. Na primeira, serão investigadas as práticas de escolarização vivenciadas por Elfrida Lobo e propiciadas a ela pelo Colégio São José, bricoladas com práticas de espiritualidade católicas, mas igualmente transformadas em práticas educativas no cotidiano da educação destinada à Elfrida e suas colegas pelas Irmãs de Chambéry. Para aprofundar a compressão dessas práticas, buscaremos compreender, através das memórias de Elfrida, um pouco mais sobre a escolarização de meninas que foi construída no amálgama da moral católica e das necessidades cidadãs emergentes. Num segundo momento nos debruçaremos sobre os usos que faz Elfrida, em sua vida adulta, desse repertório de saberes frente aos fatos que condicionam sua vida maturidade: as dificuldades financeiras, a viuvez, os filhos pequenos, a fé cristã, os desejos de independência e uma grande inclinação pelo estudo de línguas estrangeiras. Por fim, a modo de conclusão, será interrogado o significado dessas práticas, a fim de confirmar, refutar ou matizar a hipótese de trabalho acima referida.

Sem mais cerimônias, acompanhemos Elfrida enquanto menina/moça/mulher dando os arremates em seus “Retalhos de uma Vida”, ao mesmo tempo em que, parafraseando Walter Benjamin (1987), procuraremos, através da narrativa histórica, escová-los a contrapelo, para interrogá-los e compreendê-los.



Práticas de escolarização católicas na infância de Elfrida Lobo

Elfrida Marcondes Lobo assim se refere ao início de sua escolarização, por volta de 1916: “Com 5 anos comecei a frequentar o Jardim de infância do Colégio São José e meus primos também.” (Lobo, 1990, p. 24). Embora a egoautora não se detenha nessa informação, ela é, por demais, relevante. Indica, junto de outras evidências que mobilizaremos oportunamente, que a menina pertencia a um estrato da população brasileira e paranaense que, naquela época, já buscava diferenciar-se dos demais grupos sociais pela via da escolarização. Como recorda-nos Gizele de Souza (2011) na história da educação infantil no Brasil, os jardins de infância – mesmo quando públicos – foram destinados, “prioritariamente, às crianças das famílias com condições socioeconômicas mais ricas” (Souza, 2011, p. 261) ao passo que outras instituições, como asilos, creches e educandários, com projetos educativos distintos, eram destinados às crianças pobres. No caso dos jardins de infância paranaenses, a proposta que veio com sua implantação desde 1906 em grupos escolares, mas também em instituições privadas, sob inspiração froebeliana, era a de proporcionar “formação por meio da educação dos sentidos e do desenvolvimento das faculdades físicas, morais e intelectuais” (Souza, 2011, p. 251). Até onde pudemos apurar, em Paranaguá, o primeiro jardim de infância público só veio a ser inaugurado em 1920, no grupo escolar professor Cleto (Souza, 2004). Deste modo, em 1916, Elfrida fazia parte do seletivo grupo de crianças que tinha, na sua cidade, a oportunidade de iniciar a escolarização desde a tenra infância.

A vivência da infância de Elfrida e seu grupo foi também cercada pelos cuidados físicos, a eles dedicados por familiares e empregadas, e pela preocupação com a socialização e desenvolvimento infantis por meio de espaços e artefatos capazes de proporcionarem momentos de brincadeiras e interação social entre os pares do mesmo grupo social, como primos, primas, vizinhos da rua de classe alta onde vivia.

A casa do Dr. Caetano, ficava em frente à nossa. Eu costumava brincar nos jardins com a caçula das meninas que se chamava Vera. Era muito bonita, com lindos olhos azuis e cabelos dourados com lindos cachos. A casa para mim, parecia um castelo de fadas, que se abria todos os meses de Inverno - Eu brincava com as crianças que eram muitas. Costumava levar minhas panelinhas, bonecas e cadeirinhas, para mais animar nossos folguedos, [...]. No grande



portão de ferro que havia nos fundos, entravam os serviçais e os carros. No centro do enorme pátio havia gangorras, balanças, mesas de pingue-pongue. Naquela época Paranaguá não oferecia nenhum atrativo às crianças, razão por que em toda a casa grande havia essas atrações e bastante espaço, para que a garotada da casa e da vizinhança se expandisse (Lobo, 1990, p. 22.)

A autobiografia de Elfrida evoca uma infância luminosa, vivida entre jardins guardados por portões de ferro, onde as crianças de famílias bem estabelecidas podiam brincar entre suas iguais, cercadas de artefatos lúdicos e espaços atrativos. Uma infância na qual a brincadeira em grupo como possibilidade de “expansão” era, ao que parece, uma preocupação dos adultos frente às limitadas possibilidades oferecidas pela cidade no período. Além da referida carência de espaços públicos adequados às necessidades infantis, as formas privadas do brincar também “domesticavam as práticas lúdicas” populares, das brincadeiras de rua mais espontâneas e muitas vezes mais violentas (Crespo, 2007) e geralmente fora do controle e supervisão de adultos, marcando uma separação entre o brincar das crianças mais ricas e das mais pobres. Esse tipo de preocupação possivelmente deriva do espraiamento de ideias sobre o papel do jogo, do ar livre, dos brinquedos e da produção de artefatos para as crianças que vão compor no início do século XX o discurso de familiares e profissionais dedicados à educação das crianças de elite.

O Jardim de Infância compõe o quadro de zelo e de distinção e complementava a rotina da pequena Elfrida. Todavia, devido à mudança da família de Paranaguá para Antonina “pelos idos de 1918 ou 1919”, onde seu pai foi trabalhar como gerente de uma sucursal da firma de seu avô, Elfrida precisou, momentaneamente, abandonar o Colégio São José, sendo matriculada “no único Grupo Escolar que havia lá, cujo diretor chamava-se Moysés de Andrade, tio do nosso conhecido Hércio Torres e minha professora foi Dona Adelaide Pinto” (Lobo, 1990, p. 25). Ali, a própria menina (embora a avaliação, sem dúvida, seja posterior e provavelmente construída retrospectivamente, à luz do esforço de memória posto em movimento na produção do seu egodocumento) teve oportunidade de verificar a diferença que havia entre a escolarização iniciada na instituição católica e aquela franqueada pela pública: “Não me acostumei na minha nova escola, não aprendia nada de novo, porque o método de ensino do colégio São José era mais avançado e atualizado para a época”. (Lobo, 1990, p. 25). Ao final, o resultado foi que “o tempo todo que meus pais moraram lá, fiquei com meus



avós para estudar no Colégio São José, tempo de que guardo vivas lembranças, pois permaneci neste colégio dos 7 até os 17 anos” (Lobo, 1990, p. 28). Afinal, que ensino era esse e em que se diferenciaria do proporcionado pelo grupo escolar?

Elfrida Lobo, resumindo sua trajetória escolar, assim se expressa:

No Colégio São José cursei 4 anos do primário, mais 3 anos do curso de extensão que era optativo e mais outros três anos, uma espécie de Curso Clássico. As irmãs iniciaram esse curso no ano em que se inaugurou a Escola Normal, em 1927. No seu currículo só constavam matérias ilustrativas, as positivas não eram expandidas pelas freiras, pois, no conceito delas, essas matérias não beneficiavam a educação das moças de sociedade. Nesses três anos continuei o meu aprendizado de Português, Francês, Latim, História Universal, História Sagrada, Literatura e Artes Aplicadas, isto é, toda espécie de bordado, feito a mão e desenhos. Constava também a pintura, mas optei pela música (Lobo, 1990, p. 36-37).

A descrição do currículo experimentado por Elfrida nos dá a ideia do que se tratavam as disciplinas “ilustrativas”: Português, Francês, Latim, História Universal, História Sagrada, Literatura e Artes Aplicadas, Música, Pintura, trabalhadas especialmente para ajudar a mulher a ilustrar belamente a vida social, sem contudo prepará-la de maneira muito aprofundada nas ciências, de modo que não estivessem niveladas aos homens. Afinal, às damas do período “desejam-se, pois, conhecimentos extensos e duráveis, mas não aprofundados. Pouca ciência e muita literatura; literatura porém, expurgada, pois há inúmeros livros que uma jovem ou uma senhora não devem ler” (Trindade, 1996, p. 64).

As irmãs de Chambéry se adequam à esta pedagogia e foram, segundo Manoel (2010), trazidas para São Paulo através da articulação das famílias que constituíam a oligarquia paulista “que ansiava por recursos técnicos que pudessem significar um aumento na produtividade [...] e, ao mesmo tempo, temia que o mundo moderno viesse a provocar avanços da mentalidade, causar inquietações sociais, promover a desordem na família (Manoel, 2010, p. 53). Assim, às irmãs de São José de Chambéry foi confiada a missão de cuidar da educação das moças católicas das famílias prósperas do Estado de São Paulo e, no momento de que nos ocupamos, no Paraná. Ainda sobre o ensino ministrado pelas Irmãs de S. José de Chambéry, em outro trecho do egodocumento, Elfrida complementa:



O quadro negro era muito usado. As irmãs usavam muito a expressão ‘*Vite, vite écrivez cela au tableau noir!*’. Nossos cadernos e livros eram muito bem encapados e zelados. Todo fim de semana elas passavam em revista nosso material. O papel para encadernar era muito resistente, assim como os livros, de brochura bem firme. Todo o material escolar era adquirido no próprio colégio, desde a tinta que era da cor roxa até as penas para escrever, que eram de 3 qualidades: douradas para a escrita normal, as de aço com duas pontas para a letra ‘gótica’ e a pena de ponta rombuda para a caligrafia Ronde (Lobo, 1990, p. 39-40).

A evocação de um cotidiano de menina entre seus materiais escolares, na simplicidade da descrição dos cadernos, livros, as formas de encapar e adquirir esses materiais, encapsula uma lógica de ensino, uma prática e “a constituição de saberes sobre a educação que explicaram e governaram a escola como um fato da cultura” (Escolano, 2021, p. 16, tradução nossa). O zelo estimulado pela vigilância, os detalhes sobre a preservação e encadernação com papel grosso dizem, no tempo de agora, de uma realidade no passado na qual o papel era precioso e a disciplina, condensada no capricho minucioso, “uma anatomia política do detalhe” (Foucault, 1987, p. 128).

A memória de Elfrida sobre as penas para escrever nos aproxima da práxis pedagógica refletida nos usos e transformações da escrita escolar praticada no Colégio São José. Ao recordar as penas ela menciona seus usos diferenciados em três tipos de escrita: a comum, a gótica e a Ronde, escritas que aqui aparecem como pertencendo ao mesmo projeto curricular, mas que estarão competindo no campo educacional mais amplo, numa disputa entre a escrita gótica - mais elaborada e erudita e que guardará herança da tradição escolástica, a escrita Rondé - ainda bastante elaborada, de origem francesa, mas já apontando para a transição para uma letra vertical e arredondada, um pouco mais rápida de traçar, e a escrita comum - verticalizada, rápida, prática, moderna. A tradições do catolicismo e da cultura francesa caminham juntas às preocupações da ordem das irmãs da Congregação de S. José de Chambéry em estar sintonizada aos debates pedagógicos que se aprofundam nas primeiras décadas do século XX em torno da transição para o ensino da escrita verticalizada, que para além da sua proclamada praticidade, se torna signo de uma nova lógica escolar higiênica e moderna, que anuncia “claramente o pertencimento cada vez maior da instituição escolar aos ritmos, aos padrões sociais e de comportamento



típicos da emergente sociedade capitalista” (Faria Filho, 2001, p. 37).

Os livros e compêndios utilizados bem como os materiais e métodos adotados no ensino de geografia também ficaram na memória de Elfrida:

Nossos livros eram todos da coleção F.T.D. comprados na Livraria de Paulo Azevedo, na rua Libero Badaró, em S. Paulo. Os de francês eram da Librarie Larrousse de Claude Auqué. Vinham de Paris para todas as instituições de ensino da língua francesa. A geografia era ensinada pelo método expositivo. Respondíamos toda a matéria aprendida nos livros e mostrávamos nos mapas com um comprido pau de uva, com uma borrachinha na ponta para não arranhar os mapas, pois naquela época não existia método de plastificar para proteger o material escolar, porque era exigida muita ordem e capricho, para a conservação de todo o material de estudo, que durava o máximo. Os mapas do Brasil, América, Europa, África, Ásia, Oceania adornavam nossa sala. Respondíamos tudo certinho os rios, com seus afluentes, cadeias de montanhas, capitais, cidades principais, seus produtos, comércio, suas riquezas, zonas agrícolas e pastoril. Nas sabatinas tínhamos que desenhar os mapas da matéria que havia sido ministrada durante a semana dizendo oralmente todo o seu conteúdo para obter nota alta. Os mapas eram muito bem coloridos com lápis de cor raspado em cima de um pedaço de papel para não sujar as carteiras e passadas cada cor com um pedaço de algodão, para obter as nuances desejadas. Nossos mapas e desenhos pareciam telas de artista (Lobo, 1990, p. 40)

A riqueza de detalhes sobre as lições de geografia conserva significados históricos interessantes, não obstante nos tenham chegado impregnadas da relação subjetiva de Elfrida com esse conhecimento, que será determinante em seu desejo secreto de viajar o mundo e que conheceremos mais à frente neste texto.

A dedicação artística que se esperava das alunas na realização das tarefas de desenho de mapas, o cuidado na manipulação dos mapas coletivos e as práticas de memorização de detalhes geográficos de diversas paisagens pelo mundo compõe saberes geográficos que Escolano (2001) identificou como essenciais à educação das meninas de classe alta também na Espanha. Escolano, através da análise de revistas destinadas às meninas de famílias pequeno burguesas



na Espanha nos anos finais do Século XIX e anos iniciais do Século XX detecta as “bases de uma ciência da Mulher” (Escolano, 2001, p. 53) que aplicada na educação das meninas as levaria a assumirem com maestria os seus “deveres de mulher” que incluíam o governo e direção do lar, a ordem e o asseio, a regulação dos recursos domésticos, a educação dos filhos e a felicidade doméstica e social da família.

As regras de convivência da burguesia, embora conservadoras em relação às mulheres, incluíam com agrado a ideia de uma mulher que além dos labores do lar, da matemática prática e doméstica dominasse a geografia, conhecimento considerado útil para passeios e viagens, demonstrando sua urbanidade e instrução (Escolano, 2001, p. 38). Etelvina Trindade (1996), também destaca a constituição de um modelo educacional para as meninas das famílias burguesas no Paraná, no qual haverá uma ênfase na memorização de informações entendendo que “a mulher da sociedade é alguém que deve brilhar pela amplitude de seus conhecimentos, sem aprofundá-los em demasia [...]. Daí resulta a ênfase excessiva as “prendas de salão” e nas “humanidades” (Trindade, 1996, p. 71). A autora localiza a Geografia e a História Pátria como saberes desenvolvidos nesta direção, e que Escolano Benito reconhece como práticas formadoras de um “ethos da domesticidade”, objetivo maior da educação destas meninas.

Na autobiografia de Elfrida as atividades realizadas na disciplina de Artes Aplicadas ganham relevo na cultura escolar do Colégio São José. Ela ressalta o papel que os trabalhos de agulhas tinham como legado para as alunas em suas vidas de esposas após a escola, mas demonstra também que tais prendas cumpriam papel de comunicação de resultados das aprendizagens para as famílias e sociedade, pois eram elaborados também com o objetivo de comporem as exposições anuais de trabalhos manuais, bastante competitivas e importantes para a qualificação das alunas e do próprio colégio:

Depois dos exames finais, havia anualmente a exposição, dos trabalhos manuais, que ocupavam quatro salas. Cada aluna, queria se sobressair com os trabalhos mais caprichados e rebuscados. Lembro-me bem da sombrinha de linho branco que bordei com aplicações de renda de Veneza e babado em toda a borda, que minha mãe mandou armar em Curitiba, na loja do Louvre. As lindas almofadadas de crivo e cordoné que bordei para enfeitar a bela sala de minha avó Elfrida. As ricas toalhas de chá em filé e em ponto richelieu. A trabalhosa colcha em linho branco,



com aplicações de crivo, filé e renda de Veneza, que bordei para o meu enxoval. Naquela época era costume as mocinhas deixarem sua colcha e toalhas prontas para o seu casamento (Lobo, 1990, p. 41).

Carvalho (2017) ao pesquisar o papel das Artes Manuais nos colégios da congregação de São José de Chambery menciona as exposições de artes manuais e as festividades de encerramento do ano letivo como um relatório material em que se demonstravam resultados do investimento tanto para as famílias das estudantes como também para as autoridades eclesiásticas responsáveis pelo andamento geral dos colégios da congregação (Carvalho, 2017).

Os trabalhos manuais envolviam também as mães das alunas, como exposto por Elfrida ao recordar o projeto da sombrinha bordada trazida pela mãe para armar em Curitiba. Expressão máxima de uma representação da feminilidade, as habilidades manuais refletidas nos trabalhos executados nas escolas regidas pelas irmãs de Chambery carregavam também a simbologia da tradição das artes femininas transmitidas de geração a geração. Em sua autobiografia Elfrida relata ter guardado com zelo suas produções manuais, tendo depois passado as peças como herança para a neta e a nora, as mulheres da nova geração de sua família, como verdadeiros legados.

Após a exposição de trabalhos, o ano era invariavelmente encerrado com festividades que envolviam distribuição de prêmios, encenações teatrais, festas e piqueniques, tendo o teatro encantado e permanecido nas memórias mais nostálgicas da infância de Elfrida Lobo:

Lembro-me com saudades, que quando cursava o 1.º ano, tomei parte n'uma peça, na qual eu e mais 2 colegas figurávamos como andorinhas. O cenário era um jardim, preparado no palco do salão de festas. Com muita habilidade as irmãs prepararam um galho de árvore pendente, a que tivemos de subir por uma escada encoberta por musgos e folhagens que nos deixavam escondidas. Nos levava a uma grande bacia toda recoberta de musgos à guisa de um ninho. A peça era intitulada Les 'hirondelles' - Eu mais duas colegas da mesma idade, vestidas com papel crepom, todo repuxado, um bico de cartolina e duas asinhas presas nos braços, que nós tínhamos que mover quando cantávamos a canção em francês [...] e lá se foi o nosso ninho. Todas as 3 andorinhas perninhas para o ar, asas quebradas, bicos torcidos, tudo jazia no chão. O nosso ninho virado e as andorinhas chorando e morrendo de vergonha diante



dos convidados. Foi uma verdadeira calamidade! Depois de tanto trabalho e ensaios E como estávamos orgulhosas de cantar em francês à Notre-mère. Foi difícil nos conformarmos com tamanha desgraça! (Lobo, 1990, p. 33).

Retalhos de Uma Vida trará mais alguns relatos de participações de sua autora atuando em outras peças teatrais durante toda sua escolarização, fazendo desde o papel da sóbria formiga da fábula de La Fontaine, “muito aplaudida” ao final da peça (Lobo, 1990, p. 33), até personagens que representavam comportamento socialmente condenáveis como “uma criadinha insolente, desajeitada e espevitada” que Elfrida revela ter interpretado em uma “peça de teatro, de fundo moral, mas divertida”.

Como nenhuma das minhas colegas que eram mais velhas e mais vaidosas não quiseram fazer o papel de crioula, eu fui escolhida para interpretar esse papel. Pintaram o meu rosto com fumaça de veia que colhiem num pires e me lambuzaram o rosto, me colocaram um par de luvas pretas com as palmas das mãos pintadas de cor-de-rosa. Fomos muito aplaudidas- A cena foi extraída de uma peça de Mollière: ‘Les femmes savantes’. Depois de terminada a representação é que me dei conta da minha cara toda preta. Não havia naquele tempo, os cremes de limpeza que existem hoje. Muitas queriam me ajudar a tirar o negrume do meu rosto em fogo, até que uma das freiras lembrou-se de passar vaselina boricada e foi retirando com suavidade, todo o negrume. Resultado, fiquei alguns dias em casa sem poder sair com o rosto cheio de borbulhas (Lobo, 1990, p.34).

Em relação a esta peça, cujo elenco ela integrou aos 14 anos, cabe dizer que a personagem por ela interpretada era negra, motivo que fez com que fosse o papel recusado por várias meninas da turma que não queriam pintar seus rostos com fuligem; esse elemento racista estava presente nos estereótipos vigentes no período como marca da segregação racial que determinavam a inexistência de alunas negras nestas escolas elitizadas e também a prática da estigmatização da menina negra como mal educada, desajeitada e necessariamente serviçal.

Compondo este conjunto de práticas, Trindade (1996, p. 71) destacará também a “técnica de interrogatório”, como estratégia que somada às festas e exposições, espetacularizava a educação das meninas enquanto realizava a aferição do nível de aprendizado das matérias. Na experiência de Elfrida Lobo



essas aferições eram recorrentes e minuciosas, reforçadas por premiações na forma de cartões de pontos bons e prêmios, entregues em momentos oportunos:

No final de cada mês eram tiradas as médias pelos trabalhos apresentados e pelas notas das sabatinas. Recebíamos, então, um cartão condizente com a nota merecida, os quais eram especificados da seguinte maneira:

Cartão azul, **Très bien**, valor 8 a 10.

Cartão verde, **Bien**, valor de 5 a 7.

Cartão vermelho, **Assez bien**, 3 a 5.

A aluna que não obtivesse a nota de 8 a 10 até o final do ano, era reprovada e repetiria o ano (Lobo, 1990, p. 40).

Embora elaboradas com rigor pelas professoras e levadas a sério pelas alunas, as avaliações no Colégio São José não geravam diplomas ou certificações, o resultado quando alguém do esperado era punido com retenção, mas se fosse positivo era premiado com presentes:

O Colégio São José preparava muito bem as alunas, mas não dava diplomas. Recebíamos no final de cada ano uma medalha de honra e um livro de missa em Latim e Francês ou um livro de L'histoire Sacrée, com uma bela encadernação. Toda a instrução e educação desse colégio era conduzida para a religião, matrimônio, sociedade e família (Lobo, 1990, p. 32).

O estudo, a dedicação e o preparo exigido das meninas, não lhes conferia, pois, qualificação formal, o que no caso de Elfrida Lobo, como veremos detalhadamente adiante, dificultaria ainda mais sua vida diante dos desafios que a viuvez e as limitações financeiras viriam a lhe apresentar. A memória de Elfrida corrobora com as afirmações de Manoel (2010) quanto aos objetivos de um conjunto de instituições educacionais femininas paulistas na transição dos séculos XIX e XX, dentre elas as escolas das Irmãs de Chamberry: praticar uma educação generalista voltada para o governo do lar, dentro de parâmetros da piedade católica, e resistindo aos perigos da modernização “não permitindo ou obstando ao máximo a profissionalização da mulher” (Manoel, 2010, p. 53).

No entanto, existe um espaço entre o que a escolarização almejava e o que de fato as pessoas faziam com o que aprendiam na escola. As memórias de Elfrida possibilitam que pensemos um pouco sobre essa dimensão do que é aprendido na soma com o que é desejado e com o que se tornará um capital capaz de



ajudar alguém a construir sua história. Assim, veremos que toda rigidez de uma educação com vistas a uma representação de mulher do lar se mostrará flexibilizável a partir das escolhas que Elfrida fará em sua vida adulta, sempre mantendo como norte a religiosidade católica.

Diante da continuidade da autobiografia de Elfrida Lobo, conhecendo suas memórias da juventude e vida adulta, nos deparamos com a possibilidade de levantar as perguntas que Chervel (1990) conclama os historiadores da educação a fazerem ao analisarem os currículos e programas das disciplinas escolares: “O ensino funcionou? As finalidades foram preenchidas? As práticas pedagógicas foram eficazes? (Chervel, 1990, p. 212)”. Veremos a seguir o que Elfrida fez na bricolagem de saberes adquiridos no colégio, nos filmes, na literatura, na música e na vida.

Usos da escolarização católica na vida de Elfrida Lobo

O destino de Elfrida estava traçado conforme o figurino às moças de sua condição social e época: um namoro recatado, no final dos tempos de colégio, com o jovem estudante de medicina Victor Lobo; um noivado de dois anos, alimentado por cartas românticas e músicas; um casamento promissor sendo preparado cuidadosamente com a aprovação de ambas as famílias. Tudo tão perfeito que Elfrida, que se afastara das amigas após o final de seus estudos no colégio São José, se sentia alvo de inveja:

Quando meu casamento foi marcado para o dia 16 de maio de 1932, comuniquei às minhas colegas num cartãozinho singelo, com 2 coraçõezinhos entrelaçados pintados por mim. Nada de resposta, uma palavra de carinho. [...]. Depois da cerimônia religiosa fomos para o casarão da rua Dr. Leocádio, onde foi oferecido um grande almoço. Vieram muitos parentes de Curitiba e as moças que compareceram, pertenciam a nossa família! As minhas colegas de colégio não me deram a satisfação de aparecer, não se desculparam e não me visitaram. Com tristeza, foi se aclarando na minha mente, apesar da minha inexperiência da vida, um sentimento de frustração, pela maneira com que se portaram comigo. Aquelas que em minha ingenuidade de moça, considerava amigas. [...]. Depois de esposa e mãe é que comecei a compreender infelizmente para mim, o verdadeiro significado de um dos sete pecados capitais, que eu tanto aprendi e decorei na minha infância, nas aulas de catecismo: ‘Inveja’. Mas eu me sentia tão feliz e querida por todos os de minha



família e pelos parentes de meu marido, por seus pais, que tudo para mim se constituía em ternura e segurança (Lobo, 1990, p. 70).

O afastamento de Elfrida das suas amigas após o término dos anos escolares se deu, entre outras coisas, devido à sua forte ligação com familiares, com os compromissos do noivado e com sua dedicação aos estudos de idiomas, aos quais ela deu sequência após a conclusão do colégio. Ela, que já tinha uma forte base do idioma francês adquirido com as Irmãs de Chambery, seguiu estudando através do estreitamento de uma amizade com uma mulher mais velha, amiga de sua avó, uma francesa chamada Mme. Francine Godfroid, esposa do gerente do Banco Francês e Italiano de Paranaguá. Na ocasião em que se conheceram Elfrida preparava seu enxoval, com ajuda de sua mãe e avó e Mme. Godfroid comercializava em sua casa tecidos finos trazidos de Paris. A jovem se encantou pelo refinamento cultural, pelas revistas de moda e livros franceses e pela presença dessa senhora, que se tornaria sua amiga e professora, ainda que informal, de cultura e língua francesa:

Ela ensinou-me Literatura Francesa, me contava toda a história da França, desde o tempo dos Gauleses, dos Parisis, primeiros habitantes de Paris, que viviam as margens do rio Sena em palafitas. Contava-me trechos sobre a vida de Saint Louis XIV, do rei Louis XV, Louis XVI, marido da infelizmente rainha Maria Antonieta que veio a morrer na guilhotina com seu esposo, ambos vítimas da Revolução Francesa comandada por Danton, Ropespière e Marat. Emprestou-me diversos livros ‘Quatre vingt treze’ de Victor Hugo, 3 volumes que versavam sobre a 1.ª Guerra Mundial e a batalha nos campos de Werdun, ‘Le cousin pauvre’ de Balzac ‘Notre Dame de Paris’, descrição do movimento dos Girqundeiros, destacando também a figura de Quasímodo, ‘Le colier de la Reine’ que versava sobre a vida da inditosa rainha Maria Antonieta, Mme. Bovary de Gustave Flaubert. Presenteou-me com um livro contendo todas as fábulas de La Fontaine, enfim essa senhora aprimorou a minha educação, cultivou o meu espírito, o que muito contribuiu para o meu futuro. Eu me afeiçoei a essa brava criatura, uma verdadeira dama, que se tornou para mim, além de professora, uma encantadora amiga e orientadora (Lobo, 1990, p. 55).

Além do aprimoramento em língua e cultura francesa Elfrida começou



a estudar inglês, motivada pelas músicas e pelo cinema americano, que se tornaram uma espécie de linguagem romântica entre ela e seu noivo, que fazia a Faculdade de Medicina em Curitiba e com quem ela mantinha intensa correspondência:

Quando saí do colégio, já era namorada do meu falecido marido, único namorado que tive. Iniciamos nosso romance muito cedo [...]. Naquela época começou a funcionar o cinema sonoro. Assisti o 1.º filme em companhia dos meus avós e do meu namorado. Fiquei deslumbrada [...]. Nunca deixei de assistir a um filme musical, pois todos eram passados em ambientes requintados, palácios luxuosos, jardins e ilhas pitorescas. Influenciada por esses filmes, comecei então a aprender inglês com M. Maud Eastwood, que morava na chácara, hoje transformada em armazém de café, bem ao lado da estrada de ferro. Aprendi com essa professora durante 3 anos e nunca mais esqueci o que aprendi [...]. Aprendi depressa, pois eu tocava muito piano, as músicas em voga, eram as tocadas nos filmes e meu namorado me enviava todas do Rio, logo que eram lançadas. O meu entusiasmo pela língua inglesa foi motivado pelas músicas dos filmes (Lobo, 1990, p. 54).

Sua vó, que também se chamava Elfrida, era uma incentivadora de seus estudos de idiomas e pagava para a jovem as aulas particulares de inglês – “pois a língua francesa eu já conhecia bem” (Lobo, 1990, p. 57). Esta avó também incentivou o sonho da neta em viajar para a Europa. Um sonho que seria adiado mais de uma vez e que foi acalentado por muitos anos, cabendo inclusive no livro de memórias *Retalhos de uma Vida* um capítulo inteiramente dedicado a relatar as viagens que Elfrida Lobo conseguiu realizar depois de viúva.

As oportunidades de viagem perdidas são contadas com resignação nas memórias de sua juventude. A primeira oportunidade de ir à Europa lhe surgiu aos 15 anos, um convite para viajar em companhia de seus avós. Elfrida narra com culpa o episódio desta decepção, pois não pôde viajar por estar doente, e segundo ela, adoecera por desobedecer a uma regra muito específica - a proibição de andar de bicicleta:

Naquela época surgiu a moda de andar de bicicleta. Na rua Júlia da Costa, onde eu e minhas primas Juditinha e Aglacy morávamos, bem na esquina onde hoje funciona a firma de materiais de



Alberto Veiga & Cia. morava o casal Dna. Leonidia e o seu esposo João Vila- Sr. João sempre foi ligado a motores. Construiu ao lado de sua casa uma oficina, onde também havia bicicletas para alugar. Eu e minhas primas depois que chegávamos do colégio, com os níqueis que guardávamos para a merenda, alugávamos por hora a tentadora bicicleta para mulher. Comprar nem em sonhos porque não era de bom tom mocinha andar de bicicleta. Nós nos enveredávamos para os arredores da cidade, estrada do Corrêa Velho toda de areão solto. Outras vezes íamos pelo Campo Grande e estradinha até o Matadouro, mais ou menos até onde funciona hoje o Colégio Estadual. Todo esse trajeto era vencido com muito esforço, porque nada era calçado. Intimamente eu sabia que devido a tamanho abuso, fiquei perdendo grande quantidade de albumina, ocasionando-me inchação nos pés e mal estar geral. Minha mãe nunca imaginou que nós pedalávamos para lugares distantes e difíceis, o meu castigo foi merecido em perder a minha 1ª oportunidade de viajar no grande transatlântico alemão ‘Cap Polônio’ e conhecer o velho mundo (Lobo, 1990, p. 58).

Em suas reminiscências Elfrida associa o adoecimento à desobediência e se resigna diante da oportunidade perdida. Segue os estudos de idiomas até que surge novamente uma chance, dois anos depois, de acompanhar novamente os avós, e novamente seus planos são frustrados diante da proibição do namorado de que ela realizasse a viagem sem ele.

Dois anos mais tarde quando estava com meus 17 anos meus avós viajaram novamente à Europa e, eu certa que dessa vez, nada me impediria de satisfazer o meu sonho, de viajar e conhecer terras estranhas no transatlântico de luxo ‘Cap Arcona’. Escrevi ao meu namorado, comunicando que breve iria revê-lo no Rio, onde íamos pegar o navio. Dois dias depois, recebi dele a resposta via aérea, opondo-se terminantemente a essa resolução, alegando que ele também pretendia conhecer a Europa e aguardava e acalentava este sonho, para depois que estivesse formado e casado, que eu esperasse para desfrutarmos juntos esse nosso desejo. Como teria sido maravilhoso se assim o fosse! Consegui só depois de viúva realizar este antigo sonho (Lobo, 1990, p. 58).

A ânsia por conhecer outros lugares e culturas irá acompanhar esta mulher



por toda a vida e inferimos que isso de fato tenha motivado seu vivo interesse por idiomas. No entanto, entre o ano de seu casamento em 1932 até o falecimento de seu esposo em 1945 a vida adulta, de mulher casada e mãe, se apresentará para Elfrida com uma sequência de perdas, adoecimentos de familiares e o alistamento de seu marido como médico tenente do exército, circunstâncias que a farão assumir o papel de enfermeira, apoio e cuidadora de várias pessoas da família, inclusive de seu próprio esposo, que, vítima de um erro médico, enfrentará anos de adoecimento, dores e cirurgias, sempre tendo ela como seu apoio principal.

O falecimento de Victor Lobo aos 36 anos levará Elfrida para um novo capítulo de sua vida, no qual ela buscará ser esteio da família que se desintegrava diante de inúmeros lutos. Ela, agora viúva e mãe de três meninos entre 1 a e 11 anos, buscará refúgio cumprindo inúmeras tarefas de cuidado e se voltando com fervor à fé que aprendera também na escola:

Prossegui trabalhando, dando assistência à meus filhos, à minha sogra doente, dando ânimo a meu sogro e à velha vovó Nezinha. Chegou o mês de dezembro, Natal e Ano Novo. Passamos na maior tristeza, datas que nos traziam tantas recordações. O mês de janeiro encontrou-me muito fraca e esgotada. Eu mesma me propus a tirar uns dias de férias em Curitiba, para poder adquirir forças para prosseguir e levar avante minhas intenções. Quis a Providência Divina me favorecer, oferecendo-me a 1ª oportunidade. Sempre tive em mente uma sábia reflexão de Santo Ignacio de Loyola, que sempre considerei e considero como um verdadeiro escudo para nos defender e proteger: 'Não devemos nunca ter receios dos grandes problemas. Quem está acostumado a resolver os pequenos resolverá os grandes' (Lobo, 1990, p. 105).

A primeira oportunidade a que ela se refere tratou-se de uma chance que Elfrida criou para ocupar a vaga de professora de francês que estava aberta na cidade. Relata ela que depois de meses de fadiga e tristeza entre o trauma familiar da perda precoce de seu esposo, resolveu tirar pequenas férias, vindo com seus três filhos pequenos para Curitiba. Na viagem de trem entre Paranaguá e Curitiba ela teve a oportunidade de vir conversando sobre sua sorte e seus planos de contribuir para seu próprio sustento e dos filhos, com o conterrâneo e recém-eleito deputado estadual Lauro Lopes, que era esposo de sua prima.



Dr. Lauro se pôs à minha disposição, para ajudar-me no que fosse possível. Acompanhou-me no dia seguinte à Secretaria de Educação e qual não foi a minha surpresa ao ser recebida pelo Dr. Homero de Barros, que havia sido nomeado secretário daquela pasta. Dr. Homero foi colega do meu marido, desde os tempos ginasiais até o ingresso na Faculdade de Medicina em Curitiba. Falei-lhe com toda a franqueza que desejava lecionar a matéria de francês. Apesar de não possuir nenhum diploma, sabia que tinha os conhecimentos necessários para lecionar, pois até casar-me, depois que saí do colégio estudei mais três anos com professora particular parisiense, que me deixou integrada na língua e história da França. Disse a ele que a vaga estava sem ser preenchida, porque não havia aparecido nenhum candidato. Com muita boa vontade e diante da minha decisão, o Sr. Secretário ponderou e contratou-me para a cadeira vaga, com a condição de eu conseguir em três anos, os diplomas necessários. Fiz o curso de Madureza, de suficiência da Faculdade de Filosofia dos Irmãos Maristas e fiz concurso no Estado (Lobo, 1990, p. 106).

Assim Elfrida Lobo inicia uma trajetória de 26 anos de docência, marcados por uma infinidade de cursos, especializações, concursos bem-sucedidos e a conquista de algo que lhe faltara no Colégio São José: os diplomas. A narrativa da autora sobre estes anos, aos quais ela subintitulará de *Anos de Amargura* será repleta de memórias de um cotidiano exigente, em que ela se dividia entre cuidar dos filhos, dos idosos da família e buscar sua qualificação, estudando à noite, frequentando primeiro o curso de madureza, depois a Faculdade dos Irmãos Maristas e a Aliança Francesa em Curitiba algumas vezes na semana, realizando as formações que julgava necessárias à sua habilitação profissional.

Em 1946, tendo sido aprovada em seu primeiro concurso como professora para os primeiros anos, ela seguirá estudando para ascender na carreira e encontrará o apoio do Colégio São José. Após seu primeiro ano lecionando Elfrida levou as crianças e sua mãe para as férias de verão na cidade de Castro, e enquanto as crianças se divertiam com a avó em sítios de parentes a Professora Elfrida aprofundou seus conhecimentos de francês e de didática estudando com as religiosas da instituição:

Nas férias de janeiro, depois de todo o esforço dispendido, tomei a resolução de passar uma temporada na cidade de Castro, com minha



mãe e meus 3 filhos. Desejava ficar junto com eles num lugar calmo para que pudessem aproveitar saudavelmente suas férias. Ficamos no único hotel bom da cidade, simples, limpo e as refeições saudáveis e fartas. Moravam em Castro alguns parentes do meu pai que já conheciam minha mãe e a mim. Moravam em pequenas fazendas próximas à cidade e meus filhos desfrutaram a temporada o melhor possível. Eu porém aproveitei para frequentar o Colégio São José onde minha professora Soeur Marie de Jesus era diretora. Tive aulas diárias com ela, recordando a gramática e sintaxe da língua, pois no mês de fevereiro seriam chamados todos os inscritos para os cursos. Animada com o bom resultado prossegui assistindo as aulas durante 3 meses na Faculdade dos Irmãos Maristas. No mês de julho, prestei exames e passei. Penso sempre com carinho no Irmão Germano, que muito me auxiliou e orientou. Passei uma semana no Grande Hotel antes de se iniciarem as provas que iriam me liberar para ficar titular da cadeira. O Irmão Germano emprestou-me um quadro-negro e três livros que muito contribuíram para me deixar segura e enfrentar os exames (Lobo, 1990, p. 105).

A dedicação de Elfrida à sua formação, a levou a ocupar paulatinamente todas as posições dentro da hierarquia das cadeiras docentes do estado durante o período, tendo ela inclusive frequentado no ano de 1957, o estágio de aperfeiçoamento no Centro de Estudos Pedagógicos da Fundação Getúlio Vargas, no colégio de Nova Friburgo no Estado do Rio de Janeiro:

Eu e mais três professoras, Alcione Correia de Freitas, Alba Braga e Maria José Borba nos inscrevemos para o estágio. Eu fiz minha inscrição para didática especial de Francês. Conseguimos licença com o Prof. Alceu Tramuja que na ocasião era diretor do Colégio José Bonifácio. Permanecemos 30 dias estagiando. Lá aprendemos muito. Assistíamos aulas, fazíamos estudos dirigidos para os alunos, mantínhamos entrevistas com os professores, dávamos aulas sob a observação deles e apresentamos um trabalho para apreciação sobre o nosso aprendizado. Para mim o estágio foi muito benéfico e oportuno pois de todos os exames que tinha feito em nenhum havia a especialidade de didática específica. Conseguimos trazer nossos diplomas registrados na Fundação Getúlio Vargas e no M.E.C. Fiquei mais uma vez longe dos filhos, mas o sacrifício valeu. No ano seguinte a professora Guilhermina Machado, titular da cadeira de francês, mudou-se para Curitiba, fiquei então com a responsabilidade de elaborar os programas de todas as



séries ginasiais e do 1.º ano do curso científico (Lobo, 1990, p. 108).

“Comecei a viver estudando e acabei estudando para viver” (Lobo, 1990, p. 107), assim Elfrida sintetiza os anos de magistério até sua aposentadoria em 1969 devido a problemas nas cordas vocais. Os anos de trabalho lhe trouxeram muito desgaste, mas também vinham ao encontro de sua sede de aprender, seu amor pela língua e cultura francesa e oportunizaram também a realização de seu sonho em conhecer a Europa, viagem que ela realizou pela primeira vez em 1961 aos 49 anos, com os filhos adultos e três netos. Depois desta primeira aventura ela retornou ao velho continente mais duas vezes, além de ter realizado muitas viagens pelo Brasil, alguns países da América do Sul. A educação que recebeu com finalidades limitadas a um papel secundário como mulher-mãe, adorno em festas com sua cultura polida, lhe abriu também para um universo de autodescobertas, autoaperfeiçoamento e independência.

Considerações finais

Ainda que a memória falseie, crie atalhos e conexões póstumas é impressionante a quantidade de pormenores que Elfrida Lobo lembra de sua vida escolar. Dos materiais aos conteúdos do programa de ensino, das peças teatrais às citações e canções em francês, das exposições e festas aos exercícios de fé, a idosa Elfrida trazia em vivas cores todas estas memórias na cabeça, dado que ela mesma relata que nunca entendeu o motivo dos cadernos das estudantes do Colégio São José ficarem na escola ao final do curso:

Quando terminei os cursos, meus cadernos ficaram no colégio. Nunca entendi o porquê dessa atitude. Quando se deixava linhas vagas no final das páginas, tinha que preencher com provérbios em francês, para não pagar multa. Eu decorei uma infinidade deles, lembro-me de alguns que são muito usados até nossos dias: ‘Petit à petit, l’oiseau fait son nid’. ‘Pierre que orule ne crie pas mousse’ [...] (Lobo, 1990, p. 40).

Tais memórias muito ativas e detalhadas só nos colocam mais próximos da afirmação de que essa escolarização vivida por ela foi muito marcante, foi estruturante e acionada em vários momentos da vida. Retomando as perguntas de Chervel (1990), e as aplicando ao que pudemos saber de Elfrida Lobo e



sua escolarização podemos dizer que nossa análise nos leva a entender que o ensino recebido no Colégio São José funcionou de muitas formas sim, ainda que as suas finalidades tenham sido extrapoladas para a expansão intelectual e independência financeira e social de Elfrida Lobo através de sua capacitação e desempenho profissional. E que, no caso de Elfrida, as práticas pedagógicas foram eficazes, ainda que o objetivo da educação oferecida tenha se tornado apenas mais uma parte do que ela de fato conseguiu fazer com a escolarização que viveu intensamente, somada às oportunidades e privilégios que teve na infância e adolescência, e ao seu desejo de conhecimento pela língua francesa. Da educação recebida no Colégio católico e ampliada ao longo da vida, ela fez seu próprio uso.

Referências

- ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O ultramontanismo na Província do Paraná. *In: PRIORI, Ângelo et al. (org.) A história do Paraná revisitada*. Maringá: EDUEM, 2014. p. 35-64.
- AQUINO, Maurício. *Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: a construção do bispado de Botucatu no sertão paulista (1890-1923)*. 2012. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. *In: Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 222-234.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. *In: BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 41-78.
- BURKE, Peter. História como memória social. *In: BURKE, Peter. Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 67-90.
- CARDOSO FILHO, Ronie. *São José, o Colégio de Castro 1904-1944*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- CARVALHO, Mariana de. *Educando Donzelas: trabalhos manuais e ensino religioso (1859- 1934)*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.



CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CRESPO, Jorge. As práticas e representações do jogo no Antigo Regime. In: LOPES, Alberto; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; FERNANDES, Rogério. *Para a compreensão histórica da infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 13-18.

ESCOLANO, Augustin Benito. De las cosas a las palabras. Tramas e redes em las materialidades de la escuela. In: CORDEIRO, Andréa Bezerra; GARCIA, Gécia Aline; KINCHESKI, Ana Paula; KANAZAWA, Júlia Naomi. *A teia das coisas: cultura material escolar e pesquisa em rede*. CURITIBA: CRV, 2021. p. 13-20.

ESCOLANO, Augustin Benito. *El Pensil de las Niñas: la educación de la mujer, Invención de una tradición*. Madrid: EDAF, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Ensino da escrita e escolarização dos corpos: uma perspectiva histórica. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Modos de ler, Formas de escrever: estudos de história da Leitura e da Escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 29-46.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 193-211.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: História da Violência nas prisões*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOBO, Elfrida Marcondes. *Retalhos de uma vida*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1990.

MANOEL, Ivan A. Os colégios das “freiras francesas”: Um exemplo das relações entre Igreja Católica e Estado no Brasil. In: CARVALHO, Carlos Henrique de, GONÇALVES NETO, Wenceslau (org.). *Estado, Igreja e Educação: o mundo -ibero-americano nos séculos XIX e XX*. Campinas: Editora Alínea, 2010. p. 51-72.

MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e Educação Feminina, 1859-1919: uma face do conservadorismo*. São Paulo: Unesp, 1996.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos das acácias: anticlericalismo e*



clericalização em Curitiba (1896-1912). 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

MORLEY, Helena. *Minha vida de Menina*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

SALOMÃO, Waly. *Algaravias*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SOUZA, Gizele de. História da educação infantil no Brasil: lugares, propósitos e ações que conformaram o jardim de infância e a creche como espaços de educação das crianças. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; ARAÚJO, Vânia Carvalho de. (org.). *História da educação e da assistência à infância no Brasil*. Vitória: EDUFES, 2011. p. 245-272.

SOUZA, Gizele de. *Instrução, o talher para o banquete da civilização: cultura escolar dos jardins de infância e grupos escolares no Paraná, 1900-1929*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

VIÑAO, Antonio. A modo de prologo, refugios del yo, refugios de otros. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 9-15.

Notas

¹UFPR.

²UNB.

³A Congregação, nascida no ambiente místico e pastoral da França do século XVII, sob inspiração de santos como Francisco de Sales e Vicente Paulo, foi fundada por volta de 1650, pelo padre jesuíta Jean Pierre Médaille (Cardoso Filho, 2009). Ao Brasil, o primeiro grupo de irmãs chegou na década de 1850, para fundar o Colégio de Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu, durante o episcopado de D. Antonio Joaquim de Mello, o primeiro bispo ultramontano daquela diocese (Manoel, 1996).

⁴Até 1892, as paróquias do atual Estado do Paraná pertenciam ao território eclesiástico da Diocese de São Paulo. É de conhecimento na historiografia que, com a Proclamação da República e a conseqüente abolição do padroado régio e do regalismo, tem início o processo de expansão das dioceses em território brasileiro, algo represado durante



o Império, especialmente, a partir da crescente consciência do clero brasileiro da necessidade de maior autonomia pastoral e sintonia com Roma. A esse respeito ver o estudo de Maurício de Aquino (2012).

⁵Na verdade, o processo de difusão do catolicismo ultramontano no Paraná antecede a criação da própria diocese, como tive oportunidade de demonstrar em trabalho anterior (Anjos, 2014). Todavia, a presença de um bispo com intentos romanizadores na região, sem dúvida, fez eclodir com toda a força as divergências já existentes entre ultramontanos e liberais/positivistas naquela região.

⁶Os originais manuscritos da obra encontram-se, atualmente, sob a custódia do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. A versão imprensa aqui utilizada foi gentilmente fornecida em visita de pesquisa realizada à instituição em 2013.

⁷A exceção a essa periodização/adjetivação da própria feita Elfrida Lobo são, além do capítulo 11 dedicado ao sogro, os capítulos 7, 9 e 10, intitulados, respectivamente: “Atividades apostólicas”; “Reminiscência de Viagem” e “Fatos que sobrevivem”.